

INTERAÇÕES ENTRE LINGUAGENS VISUAIS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

Helene Paraskevi Anastasiou - UDESC²

Neli Klix Freitas - UDESC³

Resumo

Este artigo toma como referência uma ação educativa realizada em uma ONG, localizada na cidade de Florianópolis, que atende portadores de síndrome de Down adultos e, portanto, fora da faixa etária escolar. Para situar a ação relatada destacamos o conceito de síndrome de Down e a função das ONGs. O relato pretende apresentar o papel da mediação realizada com pessoas que tem síndrome de Down, na interação entre aspectos do mundo interno e externo desses indivíduos promovendo discussões, criações textuais e visuais, em uma proposta que permite a manifestação e a reinvenção de subjetividades.

Palavras-Chave: subjetividade, processos de subjetivação, pesquisa, narrativas visuais e verbais, mediação.

Abstract

This article takes as reference an educational activity held in an NGO located in Florianópolis, which supports adult people with Down syndrome, and therefore out of school age. In order to situate the reported action we highlight the concept of Down syndrome and the role of the NGOs. The report intends to present the mediation role with the have Down syndrome people, the interaction between the aspects of the internal and external world of these individuals by promoting discussions, his textual and visual creations, on a proposal to allow the demonstration and the reinvention of subjectivities.

Key Words: *subjectivity, subjectivity processes, research, visual and verbal narratives, mediation.*

Introdução

A vivência aqui citada relata um processo educacional envolvendo o mediador e estudantes portadores da síndrome de Down, que acontece por uma alteração genética caracterizada pela presença de um cromossomo 21 extra, total ou parcialmente, que pode trazer como conseqüências dificuldades físicas e cognitivas múltiplas. É importante destacar que uma pessoa com síndrome de Down não é igual à outra, tanto em suas dificuldades quanto em suas possibilidades e que, como todas as pessoas são capazes de ampliar suas capacidades de interações, bem como possibilidades para aprendizagens.

A partir da idade extra-escolar, os portadores da síndrome de Down encontram-se sem espaços onde sejam institucionalmente envolvidos. Neste contexto, as ONGs tornam-se estes espaços. Pontuamos que as mesmas fazem parte do chamado “Terceiro Setor”: “na verdade, a expressão Terceiro Setor vem sendo utilizada em contraposição à idéia de que o primeiro setor é constituído pelo Estado, incapaz de promover sozinho o bem-estar social, e de que o segundo é formado pelo mercado, que se interessa apenas pela produção de bens e serviços que dão retorno (RODRIGUES, 1997 p. 5).”

Encontra-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96 possui um capítulo que se refere à educação especial que fala da importância da inclusão de pessoas com necessidades especiais em escolas de ensino regular. Assim entende-se que essas pessoas estão legalmente incluídas em um sistema de ensino enquanto possuem idade escolar. Segundo Teixeira e Freitas:

“A escola é o lugar social onde se constroem as sistematizações da linguagem pelas relações e mediações com o mundo concreto. Porém é também um lugar de encontro com as subjetividades, manifestas por diversos meios expressivos. As combinações entre subjetividades e as objetividades da linguagem criam um universo de significações no repertório das crianças e dos jovens, nem sempre conhecido, ou considerado pelos professores.” (TEIXEIRA e FREITAS, 2010, p.110)

No entanto, após essa fase de vida inicial, no qual essas pessoas são atendidas nas escolas a necessidade de interação e inclusão permanece e as ONGs tem sido locais possíveis para acolhe-lhas independentemente da faixa etária. Isto foi o que se verificou nos casos dos participantes da atividade que consta deste artigo.

Relato

A pesquisa desenvolvida nesta etapa durante uma ação pedagógica, foca o encontro que foi realizado no dia 31 de março de 2011 nas dependências da ONG, com sete participantes adultos com síndrome de Down. A proposta inicial trazida pelas mediadoras foi a da criação de uma história, sua encenação e o registro fotográfico dessa história elaborada pelos participantes. Como colocam Teixeira e Freitas:

“A mediação pedagógica tem relação direta na ampliação do processo criador e com o desenvolvimento dos aspectos cognitivos a partir das interações afetivas. Especificamente no ensino de arte inclusivo, a

mediação com objetos, imagens e sonoridades tem favorecido interações mais significativas.”(TEIXEIRA e FREITAS, 2010, p.118).

Assim, foram levados como objetos de proposição um grilo feito de grama e uma máquina fotográfica digital com a qual os sujeitos registraram a encenação de sua história. Inicialmente os participantes manipularam o grilo, discutiram sobre o material com que foi confeccionado, como se comportava um grilo, sua função na natureza, como se sentiam diante daquela imagem tridimensional. Logo o grilo foi relacionado à história do Pinóquio que surgiu na relação que o grupo fez da proximidade do dia da mentira com o dia em que ocorreu a mediação (ou seja: um dia antes de primeiro de abril) e o papel do personagem “grilo” na história em questão. Ou seja: um dia antes de primeiro de Abril. Podemos então observar um processo no qual elementos internos como a memória, a imaginação e os elementos externos atuam em conjunto para criar relações e novos elementos. Segundo Teixeira e Freitas:

“A imaginação evocadora aciona a memória, as lembranças, as imagens estruturadas em lembranças. A imaginação combinatória possibilita a combinação dessas imagens da memória na construção de novas imagens, ativando os processos de construção, desconstrução e reconstrução. Imagens da memória e imagens percebidas podem combinar-se, resultando em novas imagens, estruturando elementos cognitivos.” (TEIXEIRA e FREITAS, 2010, p.113)

Deste modo, destacamos que, a partir da mediação efetivada e de um único elemento visual e tridimensional (grilo feito de grama), e sua relação com os conhecimentos prévios dos participantes, suas experiências pessoais e sua interação como grupo surge uma série de leituras, relações e idéias sobre a proposta inicial. Percebe-se que, como afirmam Teixeira e Freitas “a construção dos significados de uma imagem se dá a partir da percepção e da apreensão dos elementos externos, mas também por meio das relações que cada indivíduo faz nos canais internos perceptivos e sensoriais.” (TEIXEIRA e FREITAS, 2010, p.118)



Figura 1- O Grilo

O grupo decide então criar um jogo-história no qual o grilo seria escondido no jardim da instituição e os participantes teriam que achá-lo enquanto registravam o acontecimento com as fotografias. Neste processo observamos que o “grilo” volta ao seu “habitat natural”, o jardim ou a natureza, mas vem carregado do significado atribuído na relação com a história do Pinóquio (o grilo falante nesta história faz o papel de consciência para o personagem principal, tentando levá-lo a fazer o correto e não mentir). Assim, o grupo procura o grilo, ou a consciência necessária para ajudá-los ou prepará-los para o dia seguinte, primeiro de abril, considerado o dia da mentira.



Figura 2- A busca



Figura 3- O Jardim

Uma das mediadoras esconde então o grilo no jardim, e o jogo se inicia. O grilo é procurado entre conversas e competição: quem iria encontrar o grilo e quem iria tirar as fotografias. Depois de algum tempo todos passam pela experiência de tirar fotografias e, em seguida o grilo é encontrado por um dos participantes. Na volta para a sala onde se iniciou a experiência é feita uma mediação sobre os significados de consciência e sua importância na vida diária. Em seguida as fotos são passadas para um computador onde os participantes podem observar o resultado de sua produção, reconhecer a si mesmos, seus colegas e recontar a história inventada em grupo.



Figura 4- O Grupo



Figura 5- Achando o grilo

Neste relato pontuamos a importância da mediação na ação e na experiência, conforme destacam Teixeira e Freitas:

“As experiências do ensino de arte com alunos com autismo e com síndrome de Down reforçam a viabilidade da imagem como elemento de mediação no processo de aprendizagem. A mediação com a imagem dinamiza diálogos que nutrem a elaboração de representações mentais, seja pelo enfoque à memória, seja pela empatia, ou ainda pelas interpretações que surgem do próprio grupo.” (TEIXEIRA e FREITAS, 2010, p.117)

O papel da mediação

Na mediação realizada pontuamos o foco no reconhecimento dos saberes e do nível de desenvolvimento dos indivíduos. Carneiro destaca as múltiplas possibilidades para o desenvolvimento de pessoas com necessidades especiais:

“Estudos atuais de diferentes trajetórias de desenvolvimento de sujeitos com diagnóstico e/ou prognóstico de deficiência mental têm demonstrado que essa condição é uma produção social e que mesmo aqueles sujeitos identificados como deficientes mentais podem modificar o curso de seu desenvolvimento.”(CARNEIRO, 2008, p.8)

Com o intento de mediar aprendizagens possíveis na experiência relatada destacamos a importância de respeitar as vivências, experiências e interpretações expressas pelos participantes, assim como dos objetivos da mediação. Buscamos possibilitar ou facilitar a vivência de uma experiência ou um conjunto de experiências, na ação realizada, coincidindo com o que propõe Larrosa:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA; 2004, p.160)

Nesse sentido o papel de abertura e flexibilidade mental é essencial, assim como o vínculo afetivo onde a aceitação é o ponto focal. Destacamos também a importância da abertura no espaço institucional, pois possibilita vivências diversas, não se cerca de burocracia e apóia o trabalho dos mediadores.

A medida que experiências de trabalho de grupo vão se sistematizando, os sujeitos vão aprendendo a se relacionar com respeito e autonomia, mas em havendo incidentes o papel da mediação é o de propor uma reflexão sobre a ação e suas conseqüências, mantendo a condução do grupo de maneira que sejam protegidos os espaços sociais de interação. A ação não tem o objetivo de interferir nas relações, mas sim de manter o foco do processo proposto.

A tecnologia como mediadora

No mundo atual estamos cercados pela tecnologia. Computadores, telefones celulares, máquinas fotográficas e filmadoras digitais não são mais uma raridade,

podendo ser vistas nas escolas e até nas ruas da cidade. Essas ferramentas tecnológicas têm um apelo positivo muito grande para jovens e adultos e podem ser usadas como mediadoras ou apoio no ensino de arte.

Na mediação realizada observou-se um grande interesse e familiaridade dos participantes da pesquisa com a máquina fotográfica digital. Constatou-se que muitos já sabiam utilizá-la, enquanto outros aprendiam o processo rapidamente com instruções dos próprios colegas. A tecnologia age dessa forma também como objeto intermediário, ao facilitar a interação e a expressão como um meio de comunicação, construção de conhecimento e vinculação e auto-conhecimento e auto-valorização. Auxilia, exercendo uma função importante, qual seja a de promover mediações, formar mediadores entre os mais experientes e integrar os participantes, adultos com síndrome de Down em atividades visuais.

O envolvimento dos sujeitos do processo

Observou-se um interesse nítido no uso da tecnologia, no desempenho dos papéis próprios da atividade proposta e na troca entre os sujeitos ao longo do processo vivenciado: clima, respeito ao outro, empréstimo do material, análise das fotos, em que medida todos se identificaram nas fotos, o sentimento interno de alegria no reconhecimento, a aceitação de si mesmo, do outro e do grupo - aspectos relativos ao respeito, participação, que foram sistematicamente trabalhados. Constatou-se que houve autonomia no trabalho em grupo, sendo necessário apenas retomar algumas questões em momentos pontuais pelo desejo de ser o primeiro, de manusear os equipamentos sem deixar espaço para os demais, de encontrar o grilo sempre em primeiro lugar e de mantê-lo em suas mãos.

A ação envolveu brincadeiras com o grilo, reativando aspectos lúdicos, que estão na base dos processos criativos, bem como outras manifestações: medo de insetos, ansiedade, inquietação, e ainda uma certa tensão. A tensão está sempre vinculada aos processos criativos, e é a partir dela que emergem novas produções em arte.

As representações sociais que os sujeitos trazem

Pontuamos aqui a importância do aspecto social na representação individual dos sujeitos. O grilo levado para a mediação foi pensado pelas pesquisadoras como um

pretexto inicial para provocar leituras possíveis, como as relações com a natureza. No entanto, o fato da proximidade do “dia da mentira” com o dia em que ocorreu a mediação trouxe interpretações próprias, como a aproximação com a história do Pinóquio e a questão da consciência representada pelo grilo. A subjetividade de cada um é permeada pelo contexto social e as suas vivências e experiências, e a possibilidade de evocação de associações aciona o fluxo criativo.

O ensino de arte e a mediação que ocorreram neste processo possibilitaram ao grupo fazer relações entre aprendizados anteriores, experiências sociais e individuais. Assim, a imagem, as pessoas e a cultura foram elementos mediadores e atuaram em conjunto para que a experiência se realizasse. Pode-se retomar Vygotsky citado por Oliveira:

“As origens das funções psicológicas superiores devem ser buscadas, assim, nas relações sociais entre o indivíduo e os outros homens: para Vygotsky o fundamento do funcionamento psicológico tipicamente humano é social e, portanto, histórico. Os elementos mediadores na relação entre homem e mundo: instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano, carregados de significado cultural são fornecidos pelas relações entre os homens. Os sistemas simbólicos, e particularmente a linguagem, exercem um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações do mundo real.” (OLIVEIRA, 1997, p.40)

Ao apresentar uma formulação teórica sobre a imaginação, Vygotsky (2003) vincula imaginação com fantasia, com as emoções, com a criatividade, e destaca as funções evocatórias e combinatórias da imaginação. Destaca que a atividade criadora projeta o homem no futuro, como um ser que, ao criar, modifica o presente e se modifica nesta interação. Nessa dinâmica, as interações com a sociedade e a cultura são essenciais no processo de subjetivação. Seu trabalho com o desenho destaca o mesmo como uma leitura das vivências e experiências que ocorrem ao longo do desenvolvimento humano. Neste processo estão implícitas ações de construção, desconstrução e reconstrução presentes nos desenhos e nas interações sociais.

Retomamos então Barbosa (2007, p.23) que destaca:

“desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano.”

Trata-se de ver, lembrar, recriar, interagir. Encontros humanos potencializam espaços para trocas intersubjetivas possibilitando o surgimento de novos significados para as vivências e experiências. Tal como acontece nos processos criativos. Os participantes da pesquisa lembraram-se de alguns objetos, materiais e de experiências já vividas. Mas integraram-se no processo e experimentaram novas combinações e associações, criações e recriações. Pode-se falar então de intersubjetividades em ação no processo de produção verbal e visual.

Considerações Finais

O envolvimento dos participantes nas atividades propostas permite algumas reflexões: a importância dos processos de significação, o sentimento estético, o espaço grupal como um espaço de subjetivação e a função da mediação nos processos. Pode-se perceber estas questões durante a atividade, nas interações com os objetos, consigo mesmo e com os demais.

Espaços de subjetivação ocorrem nestes instantes existentes entre ver, sentir, experimentar e criar. Importa não somente o início, ou o produto, mas sim o processo, ou seja, o que acontece neste tempo e neste espaço. Em casos de pessoas com síndrome de Down, as mediações são importantes e exercem este papel de permitir acesso ao cotidiano, à cultura, favorecendo o resgate de dimensões sensíveis de ser. Pode-se evidenciar que os participantes mostraram estas dimensões sensíveis e estéticas, e que houve um processo em torno da atividade, que, por sua vez, trouxe dados importantes para a pesquisa com pessoas adultas com síndrome de Down, pesquisa esta em desenvolvimento pelas autoras.

A atenção e ação dos participantes, como se pode observar nos momentos em que procuram a si mesmos nas fotografias, permitem pensar que o gosto é sempre uma experiência pessoal, subjetiva, mas que pode transformar-se quando existe um espaço social acolhedor, e que permite uma reconstrução coletiva, um encontro humano, um espaço de subjetivação que é singular e simultaneamente social.

A atividade constitui-se em uma possibilidade para pensar sobre um campo comum: a subjetividade e o processo de subjetivação, seus dispositivos de construção de relação de objeto que, nesta situação envolvem a confrontação com práticas de

narrativas verbais e visuais, com um olhar para as diferenças humanas. Olhares para os tempos e para os espaços. Mediação. Como escrevemos mais acima: encontros humanos.

Os participantes, além da alegria compartilhada por todos durante a atividade, trocaram informações sobre o grilo, fizeram associações que não estavam previstas como o “dia da mentira”, Pinóquio, e que fazem parte de seus repertórios de conhecimento. Mas trabalharam com fotografias, construindo uma narrativa visual da atividade. As mediações foram importantes em todo o processo, porque possibilitaram a veiculação de processos artísticos, nas produções estéticas e visuais. Permitiram a reflexão sobre subjetividade, reinvenção de si pela arte, pelas mediações, pelos processos coletivos de integração social e cultural.

¹ A atividade insere-se nas pesquisas desenvolvidas pelas autoras no PPGAV- Mestrado em Artes Visuais/ UDESC

² Artista Plástica. Mestranda do PPGAV/ UDESC. Bolsista CAPES

³ Doutora. Docente Permanente do PPGAV/UDESC.Orientadora.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação e diferentes conceitos de Criatividade. IN:ZANELLA,Andréa;COSTA,FabíolaCirimbelli;MAHEIRIE,Kátia; SANDER,Luciane; DA ROS,Silvia Zanatta. *Educação Estética e Constituição do Sujeito: Reflexões em Curso*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007, p. 23-28.

CARNEIRO, Maria Sylvia Cardoso. *Adultos com síndrome de Down: A deficiência mental como produção social*. Campinas: Papirus, 2008.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: Aprendizagem e desenvolvimento: Um Processo Sócio-Histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

RODRIGUES, Maria Cecília Prates. Terceiro setor: para que serve? Conjuntura Econômica, São Paulo: FGV, p.41-45, jan. 1997.

TEIXEIRA, Rosanny Moraes; FREITAS, Neli Klix. Imagens e Linguagens não-verbais no Ensino da Arte. In: *Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino*. FREITAS, Neli Klix; RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra Regina (org). Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010, p.107-123.

VYGOTSKY, Lev Seminovich. *La Imaginación y em Arte em la Infância*. Madrid:Akal, 2003.

Helene Paraskevi Anastasiou

Possui graduação em Escultura (Bacharelado) pela EMBAP-Curitiba,PR. É aluna regular do Mestrado em Artes Visuais – PPGAV- UDESC,bolsista CAPES. A pesquisa de Mestrado envolve a produção de pessoas com síndrome de Down, em ONGs.

Neli Klix Freitas

Possui doutorado em Psicologia, formação em Arte, e é orientadora da primeira autora no Mestrado-PPGAV/UDESC. É vice-líder do Grupo Arte e Educação/diretório dos pesquisadores do CNPq.É docente permanente do PPGAV/UDESC.Desenvolve pesquisa com narrativas verbais e visuais de autistas e pessoas com síndrome de Down.Pesquisa também sobre dimensões estéticas presentes na formação de professores.